

O português moçambicano entre o português brasileiro e o português europeu

Ângela Marina Bravin dos Santos*

RESUMO: Neste artigo, discute-se o comportamento do sujeito anafórico de terceira pessoa na fala do português moçambicano (PM), estabelecendo uma comparação com os resultados obtidos para a variedade europeia e brasileira do português. O quadro teórico associa pressupostos da Teoria Variacionista e da Teoria de Princípios e Parâmetros.

Palavras-chave: Português moçambicano; Variação; Sujeito anafórico de 3ª pessoa.

ABSTRACT: *In this article, we discuss the behavior of the third-person anaphoric subject in the speech of Mozambican Portuguese (MP), and we compare this behavior with results obtained for the European and Brazilian varieties of Portuguese. The theoretical framework associates assumptions of the Theory of Variation and the Principles and Parameters Theory.*

Keywords: *Mozambican Portuguese; Variation; Third-person anaphoric subject.*

1. Introdução

O bjetivou-se refletir sobre o português moçambicano (PM) no contexto das línguas românicas dentro do quadro de Princípios e Parâmetros para interpretar o comportamento do sujeito anafórico de 3ª pessoa inter e intra-sistemas, bem como proceder a uma leitura parametrizada de tal fenômeno, o que significa levar em conta realidades gramaticais de uma língua ou de lín-

* Professora adjunta de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil. bravin.rj@uol.com.br.

guas diferentes. Para tanto, desenvolveu-se uma análise comparativa entre as variedades moçambicana, brasileira e portuguesa do português. Os resultados obtidos para o PM foram comparados a resultados do português europeu (PE) e português brasileiro (PB), com o objetivo de verificar o comportamento dessas duas variedades em relação ao fenômeno.

2. O português moçambicano

Segundo Gonçalves (2005), o PM é uma variedade africana não-nativa, constituindo, portanto, uma língua não-materna (L2). É falado por apenas 39% da população de Moçambique, que tem como língua materna (L1) alguma língua da família bantu. De acordo com a autora, existe uma situação de contato do português com outros idiomas que contribui para o processo de variação e mudança desse sistema linguístico no país, desencadeando alternância de diversas opções gramaticais. Isso ocorre, atualmente, porque o PM está sendo adquirido em situações naturais.

A partir do fim da década de 70, expande-se a comunidade de falantes do português em consequência do seu uso em contextos não-formais (mercados e restaurantes). Para Gonçalves, só esse fato basta para não considerarmos as propriedades gramaticais que diferem do português europeu (PE) simples desvios de indivíduos com pouco conhecimento da L2, “mas como propriedades específicas da gramática de uma ‘nova’ variedade do português”. (Gonçalves, 2005:49). E, ainda citando Gonçalves (1990:89, *apud* Issak, 1998), a condição de L2 da língua portuguesa em Moçambique “dá naturalmente origem a alteração às regras que regulam o seu uso na variante europeia.” Estão nesse caso a realização do dativo anafórico (Gomes, 2001) - que, de acordo com a autora, apresenta, por um lado, um comportamento próximo ao PE, e, por outro, apresenta, particularmente no que se refere ao dativo de 3ª pessoa, possibilidades semelhantes ao PB - e a formação das orações relativas (Chimbutane, 1998), que são realizadas, tal como no português brasileiro (PB) (cf. Tarallo, 1983), com o pronome resumitivo e com a relativa cortadora.

3. Hipótese de trabalho

A hipótese deste trabalho é a de que, no caso do sujeito anafórico de 3ª pessoa, o PM apresenta um comportamento semelhante ao do PE,

que é, para a variedade moçambicana do português, a língua-alvo, ou seja: a variedade adotada como norma de referência, daí a suposição de que, em relação ao fenômeno analisado, o PM apresenta o mesmo comportamento da variedade europeia. Entretanto, a relação com a língua-alvo, que em princípio geraria essa semelhança, pode também levar a estruturas linguísticas distintas das legitimadas pela norma padrão, o que para Issak (1998), respaldada em Gonçalves (1990), parece natural, já que em Moçambique a língua portuguesa convive essencialmente com línguas nativas, que são geralmente línguas maternas.

Estudos variacionistas (Duarte, 1995; Bravin dos Santos, 2006, entre outros) já mostraram que o PB prefere a forma plena para a realização do sujeito anafórico de 3ª pessoa, enquanto o PE opta pelo apagamento da marca do sujeito. Pergunta-se: no PM, a preferência recai sobre o preenchimento, ficando essa variedade mais próxima do PB, ou há semelhanças com a língua-alvo, não havendo, portanto, nesse caso, uma propriedade específica que caracterize o PM como uma ‘nova’ variedade do português?

4. Pressupostos teóricos e metodológicos

Trata-se de uma pesquisa variacionista de base laboviana. A amostra utilizada para o PM faz parte do Projeto “Panorama do Português Oral de Maputo” (PPOM), que é constituído por gravações produzidas por 100 falantes de cinco bairros da cidade de Maputo, na década de 90 (Stroud & Gonçalves, 1997a). Participaram das entrevistas homens e mulheres pertencentes a cinco faixas etárias: 16 a 25, 26 a 35, 36 a 45, 46 a 55 e mais de 55 anos. Para cada faixa de idade, entrevistaram-se dois homens e duas mulheres, que já haviam concluído a 4ª classe do ensino primário, nível de escolaridade considerado necessário para assegurar a intercomunicação em português. Os informantes foram divididos em três grupos, segundo o grau de instrução: E1 – da 3ª classe elementar à 7ª, E2 – da 8ª classe à 10ª, o terceiro grupo é constituído por falantes com nível superior completo ou não. Em E1, teoricamente, os falantes apresentam competência comunicativa limitada. Já em E2 e no 3º nível, a competência é suficiente para dialogarem. (Stroud & Gonçalves, 1997b).

Para a análise serão utilizadas apenas quatro entrevistas com indivíduos de formação superior, distribuídas no quadro 1, de acordo com a faixa etária:

Código do Falante	Idade
PC7LOF	40
PC2CEL	18
MX5HOR	32
AM17PLA	36

Quadro 1: Distribuição dos falantes para o estudo do PM

A 3ª pessoa é a única que pode realizar-se por um pronome, uma expressão vazia e um SN, diferentemente da 1ª e 2ª pessoa, que para Benveniste (1991) são as que, de fato, apresentam a noção de pessoa, porque não se referem a uma noção constante e objetiva e são reversíveis no ato de comunicação. No circuito entre a 1ª e 2ª pessoas, a 1ª “eu” indica aquele que fala, ou seja, quem enuncia a instância do discurso; a 2ª “tu” é necessariamente designada pela 1ª e não pode ocorrer fora de uma situação proposta a partir do “eu”. Já a 3ª pessoa está fora da relação “eu-tu”, o que leva Benveniste a questionar a legitimidade da 3ª pessoa como “pessoa”. Para o autor, a forma de 3ª pessoa refere-se a alguém ou alguma coisa, “mas não referida a uma “pessoa” específica” (1991:250).

Na análise, serão considerados os sujeitos anafóricos de terceira pessoa de referência definida em orações finitas que apresentem um antecedente explícito no discurso, podendo ocorrer a opção pelo pronome expreso, pelo pronome nulo, aqui simbolizado por (cv), significando “categoria vazia”, e por um sintagma nominal, exemplificados em (1), (2) e (3), respectivamente, nas orações em itálico. Entretanto, decidiu-se excluir o uso do SN por seu resultado pouco expressivo e pelo fato de essa análise se interessar particularmente pelo uso de pronomes nulos e plenos.

- (1) *ele*_i regressava de morrumbene havia pressão *ele*_i saía __ (cv)_i mudava de local (PM)
- (2) *ele*_i saía __ (cv)_i *mudava de local* (PM)
- (3) a pessoa_i não estudava *ou então a pessoa*_i *convertia-se para a outra igreja* (PM)

¹ O símbolo i subscrito indica mesma referência. Está em negrito o elemento alvo da explicação. O antecedente aparece sublinhado.

A variável dependente sob análise é “preenchimento x não-preenchimento do sujeito anafórico de terceira pessoa”. Toma-se por variantes três possibilidades: a realização vazia do sujeito – sujeito nulo, a expressão pelo pronome e a realização do sujeito por meio de um sintagma nominal anafórico. Os grupos de fatores estabelecidos como possíveis favorecedores ou desfavorecedores do uso de uma ou outra variante são, em grande parte, os mesmos utilizados por Duarte (1995, 2003), já que se investiga o fenômeno em questão sob a mesma perspectiva das pesquisas da autora.

5. Comparando o PM ao PB e PE

Com o objetivo de comparar o PM às variedades brasileira e europeia do português, lançamos mão de três procedimentos: a) em relação ao PB, retomaram-se os resultados obtidos no estudo de Tendência desenvolvido em Bravin dos Santos (2006)²; b) no tocante ao PE, aproveitamos os resultados do estudo empreendido por Barbosa, Duarte e Kato (2001), que segue praticamente o mesmo quadro teórico-metodológico aqui utilizado; c) para o PM, foi efetuado um levantamento de dados no *corpus* acima referido.

Os resultados, em relação ao sujeito nulo, para as variedades moçambicana, brasileira e portuguesa são apresentados na tabela que segue:

PM			PB			PE		
Apl	%	Total	Apl	%	Total	Apl	%	Total
102	72	141	136	37	361	126	78	162

Tabela 1: Ocorrência de sujeitos nulos em PB, PE e PM

Os resultados dessa tabela revelam, por um lado, uma semelhança na distribuição do sujeito nulo no PE e PM, e, por outro, deixam clara uma notável diferença entre o PB e essas duas variedades do português, o que se visualiza no gráfico 1.

² Bravin dos Santos (2006) desenvolveu sua pesquisa com base nas entrevistas do Projeto NURC-RJ, gravadas na década de 90.

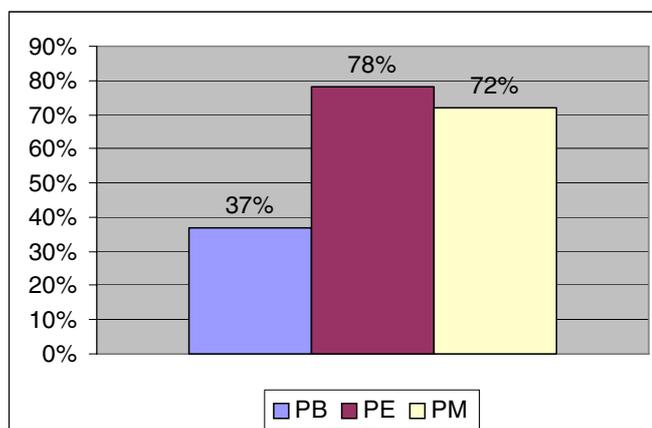


Gráfico 1: Percentuais de sujeito nulo no PB, PE e PM

Note-se que o apagamento do sujeito alcança uma taxa percentual mais alta no PE, seguido do PM, com uma diferença de apenas 6 pontos percentuais entre essas duas variedades. No PB, registra-se o índice mais baixo de sujeito nulo, com uma distância em relação ao PE de 34 pontos percentuais, mas, ainda assim, a taxa de 37% de sujeito nulo é relevante, confirmando-se a hipótese de que esse contexto resiste à mudança. Confirma-se também a hipótese, levantada por Bravin dos Santos (2003) e aqui retomada, de que o PM apresenta um comportamento semelhante ao da língua alvo, o PE, no que se refere ao uso da 3ª pessoa, ao contrário do que ocorre com outros fenômenos lingüísticos, como a realização das relativas, que, conforme visto anteriormente, destoa das estruturas legitimadas pela norma padrão do PE.

No que se refere aos fatores internos, iniciaremos a comparação a partir das variáveis *acessibilidade do antecedente* e *animacidade do antecedente* por terem sido selecionadas, pelo programa de regra variável, tanto para o PB quanto para o PM. No PE, esses dois grupos apresentam resultados importantes para o comportamento do sujeito de 3ª pessoa, já que se verifica ocorrência expressiva do sujeito nulo nos contextos sintáticos em que o antecedente está acessível ou não e sua ocorrência categórica com os antecedentes de traço [-animado]. Em relação às demais variáveis, descritas em Bravin dos Santos (2006), só serão examinadas as que apresentaram resultados relevantes para a análise e o contraponto será feito apenas entre os resultados obtidos para o PB e PM, uma vez que, para o PE, só temos os percentuais para os grupos que controlam a acessibilidade e a animacidade do antecedente.

A Acessibilidade do antecedente

Barbosa, Kato e Duarte (2001) distribuem em quatro padrões os contextos em que o antecedente é acessível ou não. No padrão I, exemplificado em (4), o referente encontra-se na oração principal e a anáfora zero, na subordinada. Nesse caso, o apagamento do sujeito, no PE, alcança um índice percentual altíssimo (97%), mantendo-se alto (89%) quando se trata do padrão II, em que o antecedente se encontra no contexto precedente, conforme se vê em (5):

- (4) *Ela_i costumava sentar-se em cima da cama com seu tricot, enquanto (cv)_i dava lições a um de nós.*
- (5) *porque a minha mãe_i estava evidentemente virada do avesso. Perante o irmão (cv)_i queria transmitir uma imagem de força e perante o esbirro queria transmitir essa imagem (PE)*

Esses dois padrões correspondem aos contextos em que o antecedente é sintaticamente acessível, como aparece nos exemplos (6) e (7), do PB, e em (8) e (9), exemplos do PM, alcançando na variedade brasileira 44% de apagamento do sujeito e na moçambicana, 79%:

- (6) *Mas minha mãe_i me cobrava muito, né, porque ela_i viu que, no último ano que era o ano do vestibular (INQ.1/ década de 90)*
- (7) *ah o garoto já... tá com dezessete anos:...né? (cv)_i vai fazer dezaito... (INQ.17/ década de 90)*
- (8) *o estado_i devia tentar fazer todos os meios possíveis que - - que (cv)_i dispõe neste momento (AM17PLA)*
- (9) *os professores_i eram muito rigorosos (cv)_i queriam que o aluno fizesse bem os trabalhos (PC 2CEL)*

Os padrões III e IV propostos em Barbosa, Duarte & Kato (2001) correspondem aos contextos em que o antecedente não é sintaticamente acessível, o que ocorre se o sujeito não estiver em uma frase adjacente à que contém o antecedente (padrão III) ou quando este aparece em outra função sintática (padrão IV). No PE, mesmo nesses casos, os índices de sujeito nulo mantêm-se altos: 71% para o padrão III e 67% para o IV, exemplificados em (10) e (11), respectivamente, enquanto no PB, nesses

contextos, (12) e (13), a taxa percentual de apagamento é de 27%. Na variedade moçambicana, exemplos (14) e (15), o índice de sujeito nulo alcança 69%, 42 pontos percentuais de diferença se comparado ao resultado obtido para o PB e bem próximo do verificado para o PE:

- (10) *O filme*_i mostrava toda a sua decadência física e intelectual ao longo do período. Foi a coisa mais chocante que vi. (cv)_i *Revela um estado de lucidez absolutamente genial, não é?* (PE)
- (11) Fui vê-lo_i ao Aljube quando (cv)_i *esteve na tortura do sono*. E depois fechado naquelas celas onde as pessoas mal cabiam e não se podiam ter de pé. (PE)
- (12) meu pai_i é carioca... era carioca...(cv)_i nasceu na estação do Riachuelo... onde o avô dele tinha uma... uma pequena fazenda na estação do Riachuelo... no subúrbio da Central... e aí *ele*_i nasceu e foi criado... (INQ.18/ década de 90)
- (13) parece que quatro ou cinco adolescentes_i. Você viu? E levou-os_i pro centro da cidade *eles*_i *sáiram desfilando* (INQ.28/ década de 90)
- (14) o pai_i dava-me uma enxada e íamos à machamba — cultivávamos eu não sabia cultivar *ele*_i *ensinava-me* (PC 2CEL)
- (15) o meu primeiro professor de facto foi o meu avô_i *como pastor ele*_i *dava aulas clandestinamente – nas primeiras classes* (PC7LOF)

Comparando-se as variedades moçambicana, brasileira, europeia do português, no tocante à acessibilidade do antecedente, o que se verifica é um comportamento bem diferente do sujeito anafórico de 3ª pessoa no PB em relação às outras duas variedades. Note-se que nestas o apagamento é a opção preferida em todos os contextos: quer em frases em que o antecedente está adjacente à oração em que figura o sujeito, quer em frases em que isso não ocorre. Não há também nenhuma rejeição ao nulo quando o antecedente aparece em outra função sintática. Já no PB, nota-se que a preferência pelo apagamento recai sobre as estruturas em que o antecedente na função de sujeito e o sujeito nulo se encontram em frases adjacentes, ainda que num percentual abaixo do obtido para o PE e o PM. Mas, ainda assim, o PB tem nessas estruturas um contexto de resistência à mudança.

Animacidade do antecedente

Em relação à variável animacidade do antecedente, como verificado por Barbosa, Duarte e Kato (2001), a realização do sujeito nulo é categórica quando se trata de antecedentes com o traço [-animado]. Esse percentual chega a 93% na análise da fala espontânea do PE (Duarte 1995), o que mostra não ser categórico, mas extremamente favorecido, o apagamento quando o traço do referente é [-animado]. No PB, o apagamento do sujeito, nesse contexto, embora não seja categórico, exibe um dos percentuais mais altos para essa variedade: 61% (e 44% na amostra de fala culta examinada por Duarte 1995). No PM, tal como no PE, a distribuição de nulo é de 100% com o traço [-animado], o que sugere a importância desse contexto no apagamento do sujeito de 3ª pessoa no PE, PB e PM. Quando o antecedente é [+animado], o índice é de 68%, bem alto se comparados aos 32% do PB.

Veja-se, portanto, que o contexto em que o índice de sujeito nulo é alto na variedade brasileira é o mesmo em que a sua realização é categórica (ou quase categórica) tanto na europeia quanto na moçambicana. Isso não só explica por que a 3ª pessoa se constitui um contexto de resistência à mudança no PB como confirma a atuação da hierarquia da referencialidade (cf. Cyrino, Duarte e Kato, 2000), retardando a implementação da mudança no PB quando o antecedente é [-animado].

As demais variáveis: O PB E PM

Além das variáveis *Acessibilidade do antecedente* e *Animacidade do referente*, foi selecionado para o PM o grupo *Elementos intervenientes entre sujeito e verbo*. Veremos como é sua atuação nessa variedade do português em relação ao PB.

A negação, os clíticos pré-verbais e os advérbios aspectuais, por apresentarem material fonético numa posição muito próxima ao sujeito, podem favorecer o seu apagamento (cf. Bravin dos Santos, 2006) e o que se verificou, no PB, é que os advérbios aspectuais, com 61% de nulos e peso relativo de .79, exercem, de fato, influência na realização do sujeito de 3ª pessoa no PB, seguidos dos clíticos, com 41% e .56. A negação fica abaixo desse percentual, com 34% e .40., contrariando, portanto, a hipótese inicial. Na variedade moçambicana, entretanto, nas 20 estruturas em que esse elemento aparece entre o sujeito e o verbo, a realização do sujeito nulo foi categórica:

- (16) os meus avós aconselhassem a ela_i para que (cv)_i não levasse. *ba logo partida os filhos para moamba* (PC7LOF)

Quanto aos advérbios aspectuais e aos clíticos, chama a atenção a baixa ocorrência desses elementos entre Spec de CP e I. Enquanto para os primeiros só foram registradas duas ocorrências nessa posição, das quais uma exhibe o sujeito nulo, exemplificada em (16), para os clíticos não se computou nenhuma ocorrência, já que a posição preferencial dos clíticos nessa variedade é enclítica, tal como ocorre na gramática do PE:

- (17) o meu pai_i tinha uma machamba lá — (cv)_i *ainda tem* — (PC 2CEL)

Por outro lado, como foi hipotetizado, para o PB, a ausência de tais elementos nessa posição desfavorece o apagamento do sujeito. Obteve-se para o PB um percentual de 37% de sujeito nulo nos contextos em que não há elemento entre sujeito e verbo. Na variedade moçambicana, como era de se esperar, o apagamento do sujeito nesses casos é alto: 67%, o que mais uma vez confirma a hipótese de que o PM segue a norma da língua-alvo, distanciando-se, portanto, do PB.

Além da análise dessas três variáveis selecionadas como significativas para a realização do sujeito nulo no PM, examinemos outras, cujos resultados podem ajudar a compreendermos os contextos que mais favorecem o apagamento do sujeito no PB. Iniciemos pelo grupo *verbo ser x outros verbos*, que na variedade brasileira alcançou a quarta posição na ordem de seleção feita pelo programa de regra variável. Em seguida, apresentam-se os resultados obtidos para o tipo sintático da oração, ressaltando-se a distribuição de nulos de 100% nas orações substantivas.

No PB, as construções com *ser* favorecem o sujeito nulo, com índice de 58%, ao passo que os *outros verbos* alcançam apenas 33%. Na variedade moçambicana, das 25 estruturas com *ser*, 24 são de nulos, o que equivale a 92%, que se contrapõem aos 67% obtidos para os *outros verbos*. Veja-se que a diferença entre esses dois fatores é de 25 pontos percentuais, sugerindo que o sujeito nulo, no PM, sofre restrições em estruturas com *outros verbos*; em construções com *ser*, porém, o apagamento do sujeito opera com regularidade. Tem-se, portanto, mais um contexto que, coincidentemente, apresenta um alto índice de sujeito nulo na variedade moçambicana e brasileira do português, ainda que nesta a taxa percentual, já citada anteriormente, de 58%, não seja tão alta; mas para uma língua que caminha em direção ao preenchimento do sujeito, como o PB, trata-se de um índice relevante.

Diferentemente do que ocorre no PB, o sujeito nulo predomina, no PM, em quase todos os tipos sintáticos da oração, com exceção das relativas e segundas coordenadas com sujeitos não-correferentes, alcançando 100% nas substantivas, como se verifica no gráfico 2, em que se encontram os resultados para o tipo sintático da oração.

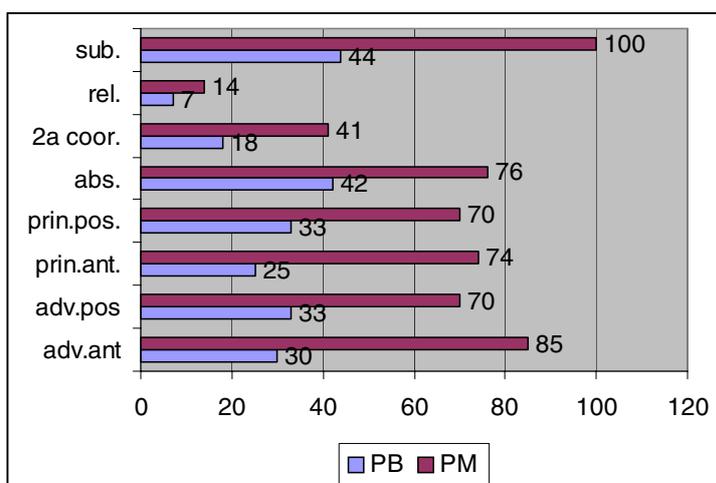


Gráfico 2: Sujeitos nulos e o tipo sintático da oração no PB e PM

O objetivo de se apresentar no gráfico a distribuição de nulos de 100% nas substantivas é justamente mostrar a ocorrência, no PM, de contextos categóricos de sujeitos nulos, conferindo a essa variedade um estatuto de língua *pro-drop* prototípica, ao contrário do que se dá no PB; mas, apesar de, nessa variedade, não serem verificados percentuais altos de sujeito nulo, nota-se, mais uma vez, que um dos contextos com índices mais altos de apagamento do sujeito no PB são os mesmos no PM. Veja-se que, tanto na variedade moçambicana quanto na brasileira, as substantivas lideram a preferência pelo apagamento do sujeito.

O curioso desse resultado é que não se esperava o favorecimento do sujeito nulo em orações introduzidas pelo complementizador *que*. Ao contrário, a expectativa era a de que o elemento em CP desfavorecesse o apagamento do sujeito, tal como o pronome nas relativas. Outros aspectos podem estar condicionando a preferência pelo sujeito nulo nas substantivas, como, por exemplo, a correferência entre o sujeito e o seu antecedente, o que deixaria este numa posição sintaticamente acessível,

favorecendo, portanto, o apagamento do sujeito. O mesmo efeito deveria ser notado no PM; no entanto, não foi o que se observou: das 15 completivas, 7 apresentam antecedente sintaticamente acessível e 7, antecedente sintaticamente inacessível. Conclui-se, pois, que as substantivas, na variedade moçambicana do português, não encontram restrições no uso do sujeito nulo.

6. Conclusão

Parece que a comparação estabelecida entre o PM, PB e PE, no tocante à realização do sujeito anafórico de 3ª pessoa, não só permitiu a confirmação da hipótese de que o PB apresenta um comportamento diferente do PE e PM como pôde se confirmar a suposição de que a variedade moçambicana do português apresenta semelhanças com a língua-alvo, o PE, em que não se verificam restrições ao apagamento do sujeito estando ou não o antecedente sintaticamente acessível. Já no PB, a preferência pelo sujeito nulo recai sobre as estruturas em que o antecedente se encontra em uma oração adjacente e na mesma função. Verificou-se também, tanto na variedade europeia quanto na moçambicana, a realização categórica do sujeito nulo quando o antecedente possui o traço [-animado], contexto que, no PB, apresenta um dos mais altos índices de apagamento do sujeito.

Bibliografia

- BARBOSA, P, DUARTE & KATO, M. A. A Distribuição do Sujeito Nulo no Português Europeu e no Português Brasileiro. In: *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 539-550, 2001.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral* 1. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.
- BRAVIN DOS SANTOS. *O sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca: um estudo em tempo real*. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2006.
- _____. *O sujeito referencial no português moçambicano*. Monografia para avaliação em disciplina. 2003.
- CHIMBUTANE, Feliciano. As estratégias resumptiva e cortadora na formação de orações relativas do português de Moçambique. In: GONÇALVES, Perpétua (org.) *Mudanças no português em Moçambique: aquisição e formato de estruturas de subordinação*. Maputo, Moçambique: Livraria universitária, 111-168, 1998.

CYRINO, Sônia M. L., DUARTE M.E.L., KATO, M.A. Visible subjects and invisible clitics in brazilian portuguese. In: KATO, M. A. e NEGRÃO, Esmeralda (EDS). *Brazilian portuguese and the null subject parameter*. Vervuert – Iberoamericana. 55-74,2000.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Tese de Doutorado em Lingüística. Campinas : Unicamp. 1995.

_____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição de e DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia(orgs). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.

GOMES, Christina Abreu. Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro In: PAIVA, Maria da Conceição de e DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia(orgs). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contracapa. 2003.

_____.Encaixamento lingüístico de processos sintáticos do português brasileiro. In: *Lusorama*. Editado por Luciano Caetano, Axel Schönberger e Michael Scotti-Rosin, Instituto Camões, Portugal, Frankfurt am Main, 106-121, 2001.

GONÇALVES, Perpétua. *A construção de uma gramática do português de Moçambique:Aspectos da estrutura argumental dos verbos*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 1990.

_____. Falsos sucessos no processamento do *input* na aquisição de L2 : papel da ambigüidade na gênese do português de Moçambique. In: *Revista da ABRALIN*, 4 , números1 e 2, p.47-73, 2005.

ISSAK, Aíssa. Estruturas de complementação verbal do português de Moçambique. In:GONÇALVES, Perpétua (org.) *Mudanças no português em Moçambique: aquisição e formato de estruturas de subordinação*. Maputo, Moçambique: Livraria universitária, 67-110, 1998.

STROUD, Christopher & GONÇALVES, Perpétua (orgs). *Panorama do português oral de Maputo. Vol 1: Objectivos e métodos*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação. Cadernos de pesquisa do Inde n° 22,1997 a.

_____. A construção de um banco de “erros” In: *Panorama do português oral de Maputo*.. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação Cadernos de pesquisa do Inde n° 24, V. II, 1997b.